

Ofuscamento de Virgínia Bicudo e a intelectual negra como índice crítico do racismo e do sexismo na Psicologia

Overshadowing of Virginia Bicudo and the black women scholar
as a critical indicator of racism and sexism in psychology

Vitailma Conceição Santos

Doutoranda em Psicologia
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
vitailmasantos@gmail.com
Professora da Graduação em Psicologia
Universidade Católica do Salvador (UCSal)

Denise Maria Barreto Coutinho

Doutorado em Letras e Linguística
Universidade Federal da Bahia (UFBA) com período sanduíche em Princeton University
Professora Titular do Instituto de Psicologia
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sônia Maria Rocha Sampaio

Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professora Titular do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: Este estudo de caso de cunho etnográfico descreve e analisa o processo de recuperação de Virgínia Bicudo na Psicologia brasileira. Com base nas contribuições do interacionismo simbólico, propõe-se aqui uma análise acerca do tipo de menção a Virgínia Bicudo, relacionando-a à Psicologia. A maior parte não considera seus textos autorais e seu nome aparece em alusões, como pseudônimos, agradecimentos ou notas de rodapé. Pode-se dizer, portanto, que não há uma recepção crítica de sua obra. A maneira como a autora aparece a afasta do campo, obscurecendo a recepção de sua obra, por meio do processo de ofuscamento. Propomos que as posicionalidades paradoxais das mulheres negras sejam analisadas como índice crítico do racismo e sexismo epistêmicos. Como conclusão, indica-se que, para combater os efeitos do racismo epistêmico e, conseqüentemente, o pleno reconhecimento da autoria, são necessárias, dentre outras iniciativas, políticas de citação que considerem, em rigor teórico, a obra, isto é, sua recepção crítica no campo institucionalizado do conhecimento.

Palavras-chave: Virgínia Bicudo; epistemicídio; ofuscamento.

Abstract: This ethnographic case study describes and analyzes the recovery process of Virgínia Bicudo in Brazilian Psychology. Based on the contributions of symbolic interactionism, we propose here an

analysis of the citation patterns of Virgínia Bicudo, related to psychology.. Most do not consider her texts to be authorial and her name appears in allusions, as a pseudonym, acknowledgments or footnotes. The way the author appears distances her from the field, obscuring the reception of her work through a process of overshadowing. We propose that the paradoxical positions of black women be analyzed as a critical indicator of epistemic racism and sexism. As a conclusion, it is indicated that, to combat the effects of epistemic racism and, consequently, the full recognition of authorship, it is necessary, among other initiatives, citation policies that consider, in theoretical rigor, the work, that is, its reception criticism in the institutionalized field of knowledge.

Keywords: Virgínia Bicudo; epistemicide; overshadowing.

Introdução

Apesar dos esforços para destacar o pioneirismo e as contribuições de Virgínia Bicudo (1945/2010) no que concerne ao estudo das relações raciais na Psicologia, conforme Janaína Gomes (2013), e outro trabalho nosso (SANTOS; SAMPAIO, 2022), é assinalado o quanto a inclusão efetiva de sua obra, no currículo da Psicologia¹ brasileira, ainda é incipiente. A pesquisa realizada em outro momento (SANTOS, 2021) permite concluir que mencionar a autora em aula, ocasionalmente, não é suficiente para garantir sua presença consistente no currículo e, portanto, na formação universitária. Dessa forma, esta investigação evidencia que uma verdadeira inserção da obra de Virgínia Bicudo na Psicologia, diante do seu pioneirismo na constituição da psicanálise no Brasil e de sua vasta contribuição para a psicologia social, ainda está por acontecer.

A problemática que enseja este estudo de caso é inspirada em Alfred Schütz (1962), quando afirma que o próprio mecanismo da distribuição do conhecimento pode ser, ele mesmo, um objeto de investigação. Assim, seguindo as pistas de Peter Berger e Thomas Luckmann (2014), podemos realizar uma reflexão sistemática sobre as maneiras como as pessoas conhecem determinados aspectos da realidade. Essa é uma forma de inserção na pesquisa que nos ajudou a estranhar o campo com o qual temos lidado – o reconhecimento da autoria de mulheres negras na Psicologia – pela construção de relações, consensos e dissensos com outros atores que nele se movimentam.

Dentre estes dissensos, não podemos deixar de marcar o incômodo com o termo recuperação. Na área da saúde, ele indica uma atuação para restabelecimento de funções perdidas ou prejudicadas

¹ Referimo-nos à Psicologia como disciplina, por isso, utilizamos a inicial maiúscula. O mesmo ocorre com relação às Ciências Sociais e à Psicanálise.

por alguma enfermidade. No campo da educação, o uso do termo foi tradicionalmente referido a fracasso na aprendizagem; um exemplo é a temida “prova de recuperação”. Na área da ciência da informação, entretanto, o significado se aproxima mais das perspectivas decolonial e antirracista, referindo-se à recuperação de informações perdidas (BIREME, 2023).

Entendemos que o reconhecimento, como a interdição da violência e do desprezo sistemático a grupos minoritários, ainda não ocorre de fato. Nossa hipótese é que a recuperação pode ser tomada como uma etapa inicial para destacar uma autora e sua obra, colocada sob escrutínio dos pares, visando a um posterior reconhecimento. A discussão sobre reconhecimento de autoria não é o foco deste artigo, por isso, utilizaremos o termo recuperação de autoria, a despeito desse incômodo.

Se nomear o “outro” é construir papéis e institucionalidade, aqui, analisamos textos que mencionam Virgínia Bicudo, tendo identificado modos convergentes de representação da autoria, nos quais sua obra sequer é mencionada. Esses textos oferecem uma oportunidade para discussão teórica e revisão de projetos de conhecimento e produção crítica decolonial, na intenção de contribuir para o reconhecimento da posição epistêmica de Bicudo na Psicologia brasileira. Considerando que o objeto que sugerimos a partir da análise, é o ofuscamento, que descrevemos como uma categoria específica que emerge na difusão da obra de Virgínia Bicudo, o texto pode se inserir na crítica epistemológica a maneira como produzimos, na artificialização do conhecimento, aquilo mesmo que é o objeto de nossa crítica: o epistemicídio. Trata-se de um estudo transversal, que pode participar de uma crítica da crítica historiográfica.

Patrick Boumard (1999) defende que o enfoque etnográfico transcende a mera aplicação de técnicas, inserindo a etnografia num diálogo com o interacionismo simbólico, o que, segundo o autor, acrescenta uma dimensão teórica aos estudos etnográficos. A abordagem da Escola de Chicago, pela qual Boumard se orienta, enfatiza que o “outro” não são apenas os ditos “nativos”, considerados estrangeiros para a etnologia clássica, mas qualquer um dos presentes no campo (BOUMARD, 1999). Sintetizando a visão boumardiana, o outro não é o estranho per se, mas é necessariamente “estranhado” dentro de um campo de investigação ou contexto de estudo.

É neste contexto que, depois do mestrado intitulado “Virgínia Bicudo e o curso de Psicologia da UFBA: significações de uma intelectual negra em uma formação “sem cor”” (SANTOS, 2021), onde foi relatado o encontro e as significações de estudantes de psicologia com os estudos de atitudes raciais de Virgínia Bicudo (1945/2010), que demonstrou a potência da discussão sobre apagamento e

sobre o racismo institucional na psicologia, fez-se necessário, durante a pesquisa de doutorado, intitulada “Virgínia Bicudo, “de dentro do campo psi”: ofuscamento, lugares de fala e presença na Psicologia Clínica”, adentrar outras possibilidades reflexivas para o campo a partir da obra de Bicudo.

À medida que este é um trabalho documental, entendemos que podemos requisitar o arcabouço teórico da etnografia de documentos, para organizar o campo de estudo, embora esta não coincida com o referencial do interacionismo simbólico, com o qual Boumard, etnógrafo da educação da escola francesa interacionista, dialoga. Isso por que Adriana Vianna (2014) argumenta que documentos constituem um campo etnográfico ao permitir que sejam estranhados, refletindo sobre seu impacto como um corpus vivo de pesquisa. E essa proximidade pode acontecer por que a escola também é um corpus vivo de pesquisa, que impõe suas questões ao etnógrafo, geralmente, também, um professor, ou alguém que se envolve ativamente com a produção de estratégias para as problemáticas do campo.

Uma das problemáticas conexas à crítica historiográfica, e que nos aproxima deste campo, é a articulação entre estruturas sociais, e a produção do lugar vazio na historiografia, de determinados saberes, relativos, especialmente, à/ao subalterna/o. Nadir Mendonça (1983) destaca que em História, estrutura refere-se à articulação das partes de um sistema, o tipo de relação entre as partes deste com o todo, e vice-versa. Trata-se de uma aproximação da vertente intitulada História do Intelectual, via a crítica ao saber, e aqui acionamos Michel Foucault, para defendermos a importância de historiografar acontecimentos que se desenrolam fora do campo hegemônico, mas dizem de estratégias que respondem ao sistema mais amplo, conforme Michel Foucault nos apresenta:

Por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar - histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação, história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome e a proliferação” (FOUCAULT, 2008, p.3).

Ao investigar dados de fontes secundárias, encontramos pontos de interesse relacionados à obra de Virgínia Bicudo e às práticas de produção e reprodução do apagamento epistêmico envolvendo autoras negras. Berger e Luckmann (2014) afirmam que a produção do conhecimento é influenciada por processos de institucionalização, legitimação, socialização e estruturação, assim, a investigação dessas estruturas pode focar em materiais familiares aos/às cientistas, como bases de dados e estratégias de organização para pesquisas com enfoque metodológico de cunho qualitativo.

Dessa maneira, optamos, no nosso percurso de investigação, descrever, inicialmente, o processo de recuperação de autoria de Virgínia Leone Bicudo na Psicologia; em seguida, propomos categorias analíticas para a leitura de textos que visam à recuperação epistêmica desta autora. Para este trabalho, aderimos à etnografia como uma postura de pesquisa, conforme Patrick Boumard (1999) aponta, apoiando-nos no interacionismo simbólico (SCHUTZ, 1962; BERGER; LUCKMANN, 2014) e na interseccionalidade como teoria social crítica, a contribuição de Patricia Hill Collins (2022). Por fim, confrontamos nossa hipótese de que a sobrerrepresentação, que também resulta de práticas de racismo institucionalizado pela branquitude na Psicologia, reforça o mito da intelectual negra única e afasta a autora do campo, obscurecendo a recepção de sua obra.

Por que Virgínia Leone Bicudo?

Virgínia Leone Bicudo² foi socióloga, psicóloga e psicanalista brasileira que teve papel significativo na regulamentação da Psicologia nacional (SANTOS, 2021). Atualmente, ela é reconhecida por influentes contribuições no âmbito das relações raciais, destacando-se pela dissertação pioneira defendida em 1945 (BICUDO, 1945/2010). Aparece também como a primeira mulher a praticar a psicanálise no Brasil, após sua formação em Londres.

Bicudo enfrentou a segregação desde cedo, por ser uma menina negra, e utilizou suas experiências pessoais e acadêmicas em Ciências Sociais e Psicanálise para construir uma carreira repleta de pioneirismos, em uma Psicologia que apenas nascia, no Brasil, como prática e campo de estudos. Ao escolher a Escola Livre de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (ELSP/USP) para realizar sua graduação, Bicudo refletia tanto uma história familiar de ascensão social pelo trabalho e pelo estudo (ABRÃO, 2010) quanto inclinação por estudos psicossociais (BICUDO, 1945/2010; 1955). Nos anos 2010, após seu centenário, houve um ressurgimento do interesse pelo trabalho de Virgínia Bicudo. Esse crescente interesse destaca tanto a importância de sua trajetória quanto o apagamento que sofreu, apesar de ter transitado por espaços privilegiados de produção científica e técnica na Psicanálise, na Psicologia e na Sociologia.

² Para mais informações sobre a biografia da autora ver em Jorge Abrão (2010), Janaína Gomes (2013) e Santos e Sampaio (2022).

A Psicanálise desenvolvida por Virgínia Bicudo, marcadamente de cunho social, é considerada uma de suas contribuições mais relevantes (SANTOS, 2021). As trilhas que Bicudo percorreu para pensar a Psicanálise dessa maneira tem a ver com o fato de ter começado a produzir a partir de um incômodo pessoal com a temática das relações raciais, enveredando por estudos sobre segregação, desigualdade e suas repercussões na saúde mental. Entretanto, a partir da década de 1960, segundo Jorge Abrão, ela se engajou numa atuação mais circunscrita aos círculos psicanalíticos, o que favoreceu a emergência de outros temas na sua produção acadêmica (SANTOS, 2021). Estes outros temas versavam sobre a função e a formação do analista; as sociedades de psicanálise; contribuições da Psicanálise à sociedade; história da Psicanálise *tout court*, história da Psicanálise brasileira; e recomendações sobre a técnica psicanalítica. Teresa Haudenschild (2020) nos apresenta uma lista com a produção de Virgínia Bicudo, incluindo seus trabalhos psicanalíticos, menos requisitados, no campo *psi*.

Na Sociologia, Virgínia Bicudo se insere na tradição sociológica da 2ª geração da escola de Chicago, buscando desenvolver estudos urbanos sobre o conflito, uma senda aberta no Departamento de Chicago, no início do século XX. Essa afiliação se dá tanto pela organização da Sociologia na ELSP/USP, donde intelectuais eram convidados a contribuir com a sociedade brasileira com uma análise social que ajudaria nos a construir o *ethos* nacional, como pela presença de Donald Pierson como orientador da pesquisa sobre atitudes raciais desenvolvida por Bicudo, aspectos indicados por MArcos Chor Maio (2010).

A tradição da sociologia da Escola de Chicago é, eminentemente, etnográfica e microsociológica, colocando no centro dos estudos, e tomando como práxis de observação, o indivíduo na cidade, visando adensar pesquisas sobre o empobrecimento da população, aumento da criminalidade, e outros aspectos relacionados ao inchaço populacional da cidade, no início do século XX (BECKER, 1996). Bicudo se baseia, para desenvolver suas teses pioneiras em relações raciais, em Robert Ezra Park e seus estudos sobre relações raciais, como o *Human Nature, Attitudes, and The Mores* ou o *The Nature of Race Relations* (PARK, 1931, 1939 *apud* BICUDO, 1945/2010) e Everett Stonequist, com o *The Marginal Man* (STONEQUIST, 1937 *apud* BICUDO, 1945/2010).

Entre o *The Marginal Man* e o mestrado de Bicudo defendido em 1945, tem-se a passagem de Donald Pierson por Salvador, para sua pesquisa que culmina, em 1942, com a publicação de *Branços e Negros na Bahia: um estudo de contato racial* (PIERSON, 1945). Pierson indica, em suas conclusões,

que a integração social das pessoas negras na cidade de Salvador seria menos conflituosa à medida em que estas pessoas ascendessem socialmente (PIERSON, 1945). Desta senda aberta por Pierson (1945), da realização de estudos antropológicos *in loco*, em zona urbana e com a consciência de que estes deveriam ser tomados como não generalizáveis como história do negro no mundo (PIERSON, 1945), Bicudo estranha a realidade de Salvador. Não parecia para Bicudo, ela mesmo, uma mulher parda, em ascensão social, que o preconceito diminuía diante da ascensão econômica. Ao menos quanto à realidade da cidade de São Paulo, quanto mais a pessoa negra ascendia, mais ela tinha “consciência de cor”, que vem a corresponder com uma maior percepção do racismo (BICUDO, 1945/2010).

Bicudo (1945/2010) acreditava que, na realidade paulista, a ascensão social aumentava a consciência de cor, e, portanto, a percepção do preconceito. Mas, diferente de Pierson, ela não trata da integração do negro observando e descrevendo a organização da cidade e o relato de terceiros. A autora entrevista pessoas negras, e, com base na história da vida destas/es participantes, utilizando arcabouço psicanalítico, tece hipóteses para as repercussões do racismo nas subjetividades. É a isso que se presta a eleição do construto atitudes, que remete ao posicionamento do indivíduo ante objetos da realidade. Se todos os negros não reagem igual ao racismo, por que vivenciam ele de maneira diferente, podemos, a partir das proposições de Bicudo, deixar de falar do “problema do negro”, e falar do problema do racismo, abandonando as teses de degenerescência do racismo científico, representado, principalmente, pela Escola Nina Rodrigues. E, considerando a divisão entre raça, racismo, identidade e etnia de Kabengele Munanga, para quem o racismo é que cria a raça (MUNANGA, 2004), a raça é objeto para atitudes, na medida em que raça corresponde a hierarquização social.

Visando a realidade brasileira, Bicudo interessava por focalizar o pardo como ponto de convergência para ilustrar a diferença entre a vida das pessoas negras, e das pessoas brancas. Assim, se as pessoas pardas, consideradas em parte negras e em parte brancas, mostrassem conflito de integração a nível psicológico, seria uma maneira de confirmar a existência de dois mundos diferentes. E este é exatamente um dos resultados do estudo de Bicudo, em 1945: “Os mestiços das classes sociais intermediárias [...] Esforçam-se no sentido de escapar da categoria de preto ou mesmo mulato, evitando a companhia daqueles e se aproximando do branco.” (BICUDO, 1945/2010).

Outra participação importante de Bicudo situa-se nos vértices da sociologia da infância e da psicologia do desenvolvimento e psicologia escolar, com o estudo relatado no relatório do Projeto

Unesco-Anhembi. No projeto UNESCO, explicita-se a existência de conflito racial velado no Brasil, assim, o caldeirão harmônico de raças que a UNESCO buscava no pós-guerra, para ter um manual de não produzir mais guerras, não seria o Brasil. Mais que isso, que o racismo brasileiro era com base na cor, ou no fenótipo, conforme apresentou Oracy Nogueira (1955), e que a segregação iniciava na infância, e que os comportamentos das crianças refletiam os preconceitos transmitidos por meio dos vínculos primários, com familiares, professores e colegas (BICUDO, 1955). Ou seja, o que se chamava de problema do negro, ou a figura da criança problema, poderia ser precedido por um problema “ambiental”, como relatava Bicudo (1941).

Descritos seus pioneirismos, vamos ao apagamento, propondo ele mesmo como índice para abordar alguns pontos inerentes à produção do lugar social da história da Psicologia, bem como a produção do esquecimento e da notoriedade no campo. Conforme Rolf Tiedemann (1982/2009), dialetizar o passado com o presente coloca as coisas em perspectiva sem, no entanto, distanciá-las. Max Wertheimer (1927/1978) destaca, para a importância do estudo da história da psicologia, para que a/o estudante e depois profissional da psicologia possa ter uma visão integrada do campo de conhecimento, bem como, conectar as numerosas e desconexas escolas e disciplinas encontradas no curso de psicologia. Mas, agora, entendemos que a história da Psicologia, tal qual é transmitida, não reflete a história, de fato, da disciplina e da profissão. Acabamos de falar sobre a criança-problema, então demonstraremos o apagamento de Bicudo, neste vértice.

Segundo Cecília Coimbra (1995), o campo psi que se estrutura no Brasil entre as décadas de 30 e 50 é feito em cima da “criança-problema”, ou seja, crianças com problemas de aprendizagem ou emocionais. Na abordagem da criança “difícil”, segundo Coimbra (1995), não se enfatizaria a questão da prevenção, que iria “predominar nos meios psicoterápicos e escolares brasileiros a partir da década de 60” (COIMBRA, 1995, p.61), pois o interesse, naquele momento, era de atendimento às crianças. Mas a “refundação” da psicologia, a partir dos anos 60, que tem como referência as iniciativas de movimentos marxistas dentro da psicologia, não é uma refundação no âmbito das terapêuticas para as “crianças-problema”. Entretanto, não é mencionada a atuação das visitadoras psiquiátricas, que, a partir de 1938, já atuavam no campo da prevenção em saúde mental.

Virgínia Bicudo foi uma das principais organizadoras deste grupo de profissionais, pois transitava entre o trabalho técnico, a teorização e a divulgação. Em 1941, a função de visitadora psiquiátrica é descrito como trabalho junto aos pais e a escola (BICUDO, 1941), e em 1953, no livro

Nosso Mundo Mental, destinado ao público em geral, principalmente pais, afirmou que “desde que a personalidade seja resultante da interação entre o indivíduo e o meio, é difícil separar a prevenção psicológica da social [...]” (BICUDO, 1953, p.365). Conforme Bicudo (1941) destaca, o trabalho das visitadoras psiquiátricas, cujo modelo foi importado dos Estados Unidos no final da década de 30, surgira como a técnica mais avançada para realizar intervenções em pequenos grupos.

Essas lacunas reafirmam a necessidade de estudar a Psicologia, por seu campo ser vasto e complexo, como Wertheimer (1976) destaca, mas também de compor o campo a partir da explicitação de suas lacunas. A Psicologia de hoje precisa, também, se implicar em “oferecer perspectivas, indicar diretrizes, mostrar a origem das ideias, ajudar a evitar enganos já cometidos anteriormente por outros e mostrar de que maneira coisas variadas ajustam-se entre si.” (Wertheimer, 1927/1976, p.10).

Dessa maneira, Interessadas na formação de psicólogas/os, situamos esse projeto no campo de iniciativas que vão de encontro à tradição de observar a história da psicologia como uma, e como tal, uma vez escrita, mais nada a dizer. Desde nosso interesse pela morte epistêmica, entendemos que há muito por descobrir na Psicologia brasileira, que, na escrita da sua história se debruça sobremaneira sobre o “lá fora” do norte global, mas não verifica como escrevemos sobre o nosso as escrituras brasileiras para o campo.

A recente ascensão do debate antirracista e decolonial desnudou o fato de que Virgínia Bicudo esteve no circuito acadêmico da Psicologia há mais tempo do que o racismo nos permitiu ver. Sua invisibilização indica que ela foi excluída ao longo do processo de institucionalização dos conhecimentos no campo psi. No entanto, a recuperação da autoria de Bicudo, na psicologia brasileira contemporânea, tem conseguido barrar o apagamento, sobretudo nos projetos que se propõem à decolonização do conhecimento? É esta a pergunta que procuramos responder com esse texto.

A emergência do ofuscamento

Virgínia Bicudo está, de fato, na Psicologia brasileira? Partimos desta pergunta para buscar resenhas, artigos, notícias de jornal, capítulos de livro, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização que mencionam Virgínia Bicudo, entre 1975 e outubro de 2023³.

³ Não selecionamos recorte temporal para a busca, assim, os resultados incluem desde o primeiro texto que menciona Virgínia Bicudo, de 1959, até os textos disponíveis, em ambiente online, em 05 de outubro de 2023, data da busca realizada no software *Publish or Perish*.

Esses materiais foram considerados documentos que testemunham como o conhecimento é produzido, artificializado e apropriado.

Para definir o campo da pesquisa, a produção de dados se iniciou com a utilização do software *Publish or Perish*⁴ (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2023). A busca foi feita utilizando os descritores “Virgínia Bicudo” o operador booleano *AND* e “Psicologia”. Identificamos 617 textos, inicialmente. Nessa investigação preliminar, os resultados incluíam desde o primeiro texto que cita o nome “Virgínia Bicudo”, relacionando-o à Psicologia, de 1959, até os textos disponíveis, em ambiente online, em 05 de outubro de 2023, data da busca realizada no software *Publish or Perish*.

Numa tabulação preliminar destes textos, identificamos que em 1959, quem cita Virgínia Bicudo é Florestan Fernandes, na segunda edição do estudo do Projeto UNESCO, indicando seu estudo de atitudes de crianças como psicológico, junto ao de Aníela Ginsberg. Neste estudo, o trabalho de mestrado de Virgínia Bicudo (BICUDO, 1945/2010) é citado e referenciado por Roger Bastide e Florestan Fernandes. Mas, já ali, na reedição do trabalho do Projeto UNESCO, o seu relatório (BICUDO, 1955) não aparece mais na íntegra. E essa a versão, de 1959, onde todos os estudos desenvolvidos foram apropriados como apêndices do ensaio sociológico de Bastide e Fernandes (1959), é a mais famosa do Relatório Unesco-Anhembi.

Tivemos um estranhamento com a redução da importância de trabalhos que ajudam a derrubar, em âmbito acadêmico, as teses da democracia racial, descritos como textos apenas parciais dentro do projeto dos organizadores (BASTIDES; FERNANDES, 1955). São 327 páginas de relatórios de estudos empíricos sobre racismo no Brasil. Referimo-nos aos estudos de Virgínia Bicudo (1955), Aníela Ginsberg (1955) e Oracy Nogueira (1955): 84 páginas do relatório de Virgínia Bicudo sobre Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em relação com a Cor de seus Colegas se transformaram em quatro menções ao seu nome. 51 páginas do relatório das Pesquisas sobre as Atitudes de um Grupo de Escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor, de Aníela Ginsberg se transformaram em duas menções; por fim, as 192 páginas de Oracy Nogueira (1955), sobre as Relações Raciais no

⁴ A busca foi realizada no Google Scholar a fim de incluir a literatura cinzenta, pois existe uma produção significativa de livros, monografias, teses e dissertações que mencionam a autora. Estes são também literatura cinzenta, pois não foram revisados pelos pares em avaliação anônima, que é o critério de validação das revistas indexadas.

Município de Itapetininga, são transformadas em três menções ao seu nome. Estes serão descritos como estudos menores, parciais, não-sociológicos, no corpo do texto de Bastide e Fernandes (1959).

Aniela Ginsberg apenas foi mencionada, não foram citados trabalhos desta autora, fora do Relatório Unesco-Anhembi. Bastide e Fernandes (1959), indicaram, entretanto, um artigo de Bicudo sobre o seu mestrado: “Sobre o sentimento de inferioridade dos negros e dos mulatos e sua ligação com o preconceito de cor, cf. especialmente os estudos de Virgínia L. Bicudo, Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos, em São Paulo, in Sociologia, Vol. IX, n. 0 3, págs. 195-219 (esp. págs. 216-217)” (BASTIDE; FERNANDES, 1959, p. 270). Da autoria de Nogueira, indicaram “Oracy Nogueira, Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem, Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, 1955, págs. 409-434.” (Ibid., p. 365) e “Oracy Nogueira, Atitude Desfavorável de Alguns Anunciantes de Silo Paulo em Relação aos Empregados de Cor, In Sociologia, Vol. IV, n.04, São Paulo, 1942, págs. 328-358” (BASTIDE; FERNANDES, 1959, p. 150).

Dáí por que, do nosso estranhamento, nos perguntamos se a forma do apagamento de Bicudo é justo essa, onde o trabalho se torna apenas menção do nome e nota de rodapé? Será que o que ocorre no Projeto UNESCO é um modelo que persiste dentro do sistema mais amplo de artificialização e apropriação do conhecimento? Então começamos a separar, do universo de textos onde o nome “Virgínia Bicudo” aparecia, os textos onde ele era apenas mencionado, e onde ele era citado nas referências. Fizemos um refinamento antes dessa categorização, excluindo os textos autorais de Bicudo, os textos em duplicidade, e aqueles que não poderíamos acessar o material completo diretamente, restando 543 textos. Dentre esses 543 textos, do nosso campo, apenas 165 citavam qualquer obra de Virgínia Bicudo dentre suas referências. Destes, selecionamos os 378 textos que mencionam Virgínia Bicudo, mas não seus trabalhos.

Dentre esses 543 textos, do nosso campo, apenas 165 citavam qualquer obra de Virgínia Bicudo dentre suas referências. Destes, selecionamos os 378 textos que mencionam Virgínia Bicudo, mas não seus trabalhos. Em 1975, temos o primeiro texto onde o nome de Virgínia Bicudo aparece, sem qualquer menção a sua obra. E é, novamente, um texto vinculado a Florestan Fernandes, uma entrevista, intitulada “Sobre o trabalho teórico (FERNANDES, 1975). É claro que uma entrevista não precisa de referências, mas este ponto, o de ser mencionada dentro de outras histórias, nos captura, ao analisarmos a natureza das menções. Apostamos e decidimos trabalhar apenas com os textos que apenas mencionam o nome de Virgínia Bicudo, sem citar sua obra, entendendo que se trata de uma

continuidade do apagamento inaugural de Fernandes, de 1959, que a coloca como participante de outras histórias. O recorte temporal depois dessa seleção é o período entre 1975 e 2023, e, contamos com uma amostragem de 378 textos. Foram rastreados, assim como foi realizado com o Projeto UNESCO, os locais onde o nome de Virgínia aparecia. Ferramentas de busca textual - o atalho Ctrl+F - e leitura dos textos em scanning, foram meios de encontrar as posicionalidades do nome de Virgínia Bicudo, bem como foi utilizada a estilística narrativa para contar os achados.

Interessava-nos aceitar o desafio de observar a persistência do desconhecimento sobre a obra de Bicudo, ainda que seu pioneirismo tenha sido reconhecido nos últimos anos (ABRÃO, 2010; GOMES, 2013; SANTOS; SAMPAIO, 2022). Para aceitar esse desafio, tínhamos bem delineado que, se o nome da autora é evanescente, é justo pelo seu apagamento que poderíamos tentar encontrá-la. Por isso retornamos aos textos que relacionam a obra de Virgínia Bicudo à Psicologia, o campo concernente à nossa pesquisa.

A fim de desvencilhar esta investigação de qualquer tom inquisitório, entendemos que importa mais indicar os equívocos que são produzidos no processo de recuperação epistêmica. Por esse motivo, não indicaremos diretamente, ou referenciaremos os textos “problema” da questão, que contribuem para o ofuscamento da autora. Faremos referência apenas a textos que mencionam a autora, mas ainda são representativos de suas proximidades à psicologia.

Florestan Fernandes (1975) inaugura as menções a Virgínia Bicudo, ao relatar o trabalho realizado no Projeto Unesco. Dentre as narrativas do Projeto UNESCO, o nome de Virgínia Bicudo aparece, junto a outros participantes do Projeto, sobretudo Florestan Fernandes, Roger Bastide – os que mais produziram capital político e científico com esta iniciativa de pesquisa – e Oracy Nogueira. Na primeira edição, de 1955, seu estudo sobre atitudes raciais de escolares foi publicado, mas suprimido, tornando-se um breve comentário sobre um estudo sociopsicológico, não aproveitado para a síntese proposta por Fernandes e Bastide, por apresentar resultados “parciais” (Bastide; Fernandes, 1959). Os trabalhos de Oracy Nogueira e Aníela Ginsberg também são suprimidos.

Ainda sobre a estruturação do Projeto, a autora aparece, reiteradas vezes, junto com Aníela Ginsberg, como “as pesquisadoras da Psicologia”. Bicudo e Ginsberg estão de tal maneira amalgamadas nas representações do Projeto Unesco, que chegam a ser citadas como investigadoras de uma mesma pesquisa, o que não ocorreu. As autoras aparecem da seguinte forma: “existiram duas pesquisas psicológicas desenvolvidas por Virgínia Bicudo e Aníela Ginsberg, no Projeto Unesco”. Às

vezes eram citadas como assistentes de pesquisa de Fernandes e Bastide, embora tivessem desenvolvido pesquisas autônomas.

Apenas em 1994 as menções retornam, já no âmbito de uma recomposição histórica da psicanálise brasileira. O nome de Virgínia Bicudo é citado junto ao de teóricos e praticantes da psicanálise brasileira do século XX⁵, conforme Alexandre Castro e Ula Cristina de Lima (2023). No dicionário de nomes, países, obras e termos ligados à psicanálise, de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (2004), Bicudo é mencionada cinco vezes, com referências à sua presença como uma das analistas de primeira geração na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), e sua formação na Tavistock Clinic⁶.

No rastro histórico dos pioneiros, o *continuum* destacado por Leopold Nosek (1994, p.13), que integra “Sigmund Freud, Melanie Klein, Wilfred Bion, Durval Marcondes, Adelheid Koch, Virgínia Bicudo, Frank Phillips, Isaías Melsohn, Darcy Uchôa, Lygia Amaral [...]”, demonstra como a autora era vista no seio da psicanálise paulista. Bicudo era retratada como uma das pioneiras em solo brasileiro, atuando para o desenvolvimento da Psicanálise, e afiliada à vertente psicanalítica inglesa.

Bicudo aparece muitas vezes em forma de deferência, em relatos de supervisões e análises que empreendeu, bem como em relatos sobre sua presença na docência em psicologia, e na transmissão da psicanálise, tanto na SBPSP, quanto na Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb). Vemos também citações em concursos e premiações que levam o nome da autora, como o Concurso Virgínia Bicudo, promovido pela Associação Brasileira de Candidatos (ABC), durante o Congresso Brasileiro de Psicanálise, ocorrido em 2005 (FORJAZ; RIBEIRO, 2007), e o recente Prêmio Profissional “Virgínia Bicudo: práticas para uma psicologia antirracista” (BRASIL, 2022).

A partir de 2015, Virgínia Bicudo começa a aparecer, requisitada por pesquisadores/as para nomear participantes de pesquisa. Nesta categoria, que rotulamos como “pseudônimos”, não apenas

⁵ Alexandre Castro e Ula Cristina (2023) utilizam, na Enciclopédia da psicologia latino-americana, como referências cruzadas com Virgínia Bicudo, os/as seguintes psicanalistas: Lygia Alcântara do Amaral, Adelheid Lucy Koch, Durval Bellegarde Marcondes e Noemy Marques da Silveira.

⁶ A *Tavistock Clinic* é um centro importante de formação de psicoterapeutas. Fundado após a 1ª Guerra, os objetivos da clínica eram oferecer compreensão e tratamento, investigação e ensino, no âmbito da saúde mental (TAVISTOCK; PORTMAN, 2024). No período em que Virgínia Bicudo fez formação, o departamento para crianças e pais era chefiado por John Bowlby, cujas teorias são centrais para pensar o desenvolvimento da criança. No início dos anos 1950, participaram dos seminários clínicos com John Bowlby, Melanie Klein, Virgínia Bicudo, Wilfred Bion e Donald Winnicott (ABRÃO, 2010).

Virgínia Bicudo, mas outras mulheres, símbolos de resistência, psicólogas e psicanalistas, são mencionadas. Virgínia Bicudo surge, lado a lado com outras autoras negras, como pseudônimo, para garantir o anonimato nas pesquisas com mulheres negras.

Em 2017 iniciam-se as menções ao nome de Virgínia Bicudo situando-a, mais diretamente, no contexto do debate sobre injustiça epistêmica e o epistemicídio. A obra de Virgínia Bicudo é mencionada por Igo Ribeiro (2017) como invalidada, ao lado das obras de autores/as negros/as, a saber, Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos e Lélia Gonzalez. Ribeiro (2017) explicita o argumento que embasa a interdição dessas obras no campo do conhecimento: de que elas seriam válidas apenas para movimentos sociais, não tendo valor científico.

As deferências e agradecimentos, a partir de 2019, ganham outro tom, e voltam-se para Virgínia Bicudo como ancestral de pesquisadoras negras que se guiam pela ética antirracista. A dedicatória de Regina Oliveira e Maria Nascimento (2018, p.3) explicita essa categoria: “Para Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza, psicanalistas, mulheres e negras. A vida e o trabalho não foram em vão...”.

Ao ser capturada para o centro da discussão sobre apagamento e epistemicídio, Virgínia Bicudo aparece, a partir de 2020, junto aos nomes de Lélia Gonzalez e Frantz Fanon, e, de maneira expressiva, ao nome de Neusa Santos Souza. Devemos destacar, entretanto, que, a aproximação que fazemos das supracitadas autoras brasileiras, é sempre a posteriori, de modo interpretativo. No momento em que foram contemporâneas, seus diálogos teóricos se davam, principalmente, com autores brancos e europeus, de grandes centros hegemônicos.⁷

Existe também uma categoria curiosa, caracterizada por erros em nomes e datas, que ocorrem durante todo o período de menções a Virgínia Bicudo. Virgínia Leone Bicudo nasceu em 1910, e atuou como cientista social, psicanalista e psicóloga, concomitantemente, no início da sua carreira. No entanto, encontramos erros no nome da autora, na sua data de nascimento, e no seu percurso profissional. Observamos “Virgínia **Leoni** Bicudo”, “**Virgínea Lemes** Bicudo”, “**Regina** Bicudo”, e “Virgínia **Eugênia** Bicudo”. Também identificamos equívocos recorrentes sobre sua data de nascimento: 1915, 1917, 1919...

⁷ Exceto pela presença de Frantz Fanon, que aproxima os textos de Neusa Santos Souza e Lélia Gonzalez. A dissertação de Virgínia Bicudo, sobre atitudes raciais, precedeu a publicação de *Pele Negra Máscaras Brancas* e, portanto, deu-se antes da recepção do movimento negro brasileiro a Fanon, processo do qual Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza são tributárias. Virgínia Bicudo, no período de sua produção, dialogou, principalmente, com autores/as da literatura anglófona.

Como profissional, Bicudo aparece como visitadora, psicanalista e psicóloga, ofícios que exerceu, mas também como assistente social e psiquiatra. Especificamente sobre a atribuição da profissão de assistente social a Virgínia Bicudo, não existe, de fato, uma incorreção, mas uma interpretação histórica. O trabalho de visitadora psiquiátrica foi inspirado no modelo de trabalho das *social workers* americanas. Antes da implantação da profissão de psicóloga no Brasil, era nesse campo, e na educação sanitária, que as intervenções psicológicas eram realizadas por profissionais técnicas que, utilizando os conceitos da higiene mental ou do trabalho social, faziam aconselhamento psicológico junto às famílias (BICUDO, 1941). Com relação à nomeação como psiquiatra, esta não poderia ser mais irônica, visto que Virgínia Bicudo, por ser psicanalista leiga, foi muito atacada pelos psiquiatras, a ponto de quase abandonar a psicanálise, tendo se exilado, de certo modo, na formação da Tavistock Clinic, em Londres, na década de 1950 (ABRÃO, 2010).

Bicudo chega a ter sua obra comentada, em alguns textos, mas sem referenciar os argumentos atribuídos à autora. Não raro ocorreu de autores/as citarem algum texto de Bicudo, sem que pudéssemos saber de qual se tratava, pois tiveram o nome da autora e o ano mencionados, mas seus textos não foram inscritos na lista final de referências. Isso ocorreu mesmo quando o/a autor/a examinava aproximações teóricas da autora com outros/as autores/as.

É importante destacar que essa omissão ocorre até mesmo em textos onde a voz de Virgínia seria incontornável: as produções que se debruçam sobre sua biografia. A abordagem biográfica sobre Virgínia Bicudo se faz, geralmente, por via da narrativa de outras pessoas acerca de experiências com Virgínia Bicudo, seja na Psicanálise, na Psicologia, ou no âmbito pessoal. Não que estejamos falando de uma autora que falou muito de si, ou que tenha escrito muita coisa nesta perspectiva. Mas, em entrevistas para pesquisas acadêmicas e jornais e mesmo em alguns relatórios da SBPSP, Virgínia Bicudo comentou impressões personalíssimas sobre sua mobilidade institucional e social, e suas visões sobre a intersecção entre lugar social e função do analista (BICUDO, 1994). Estes depoimentos, são, por vezes, ignorados em textos sobre a vida da autora. Desse modo, entendemos que, mesmo ao contar a biografia de Bicudo, sua autoria não aparece.

No caso dos erros, estes também passam incólumes por leitores/as, como pudemos perceber. Erra-se o nome de uma autora, e, na revisão por pares, em periódicos ou na banca de avaliação de TCCs de graduação ou especialização, dissertações, ou teses, ele não é corrigido. Não podemos cogitar que o nome de um autor como, por exemplo, Sigmund Freud, seja grafado erroneamente sem que isso

seja rechaçado veementemente, por quem lê. Não podemos dizer o mesmo sobre textos que mencionam Virgínia Bicudo. Tal percepção nos enseja uma dúvida: quem está lendo estes textos? Após estabelecer essa pergunta, acreditamos que conseguimos caracterizar que o ofuscamento, fortalece a visibilidade de sua biografia ao mesmo tempo em que esmaece o pioneirismo de sua obra.

A intelectual negra como índice crítico na História da Psicologia

Wertheimer (1976) propõe que a organização da história da psicologia pode se dar 1) pelo relato cronológico; 2) pelas grandes escolas da psicologia; 3) através de autobiografias pessoais ou profissionais de psicólogos proeminentes, ou pelas contribuições profissionais de psicólogos destacados; 4) através da organização com base nos grandes **homens**, resumindo as contribuições das maiores figuras da história da psicologia; 5) pelas histórias implícitas, antologias e livros de leitura da história da psicologia, que compilam diversos autores, antigos ou nem tanto; e, por fim, 6) decidindo quais campos de pesquisa são significativos no cenário contemporâneo, e buscando as bases históricas destes (ibid.).

O presente trabalho, segundo a divisão proposta por Wertheimer, combina uma adaptação entre a quinta e a sexta abordagens, na medida em que situamos uma narrativa implícita ao processo de apagamento e reconhecimento da autoria negra, um campo significativo da pesquisa em Psicologia, no Brasil, nos últimos 15 anos, pelo menos, com a emergência da epistemologia feminista negra e suas teorias críticas.

Quando encontramos 543 menções recentes, quase fomos convencidas de que o apagamento de Virgínia Bicudo cessou. Entretanto, após observar mais atentamente o corpus, percebemos que realmente se fala muito de Virgínia Bicudo, mas pouco se fala da sua obra. Os textos que falam da atuação de Bicudo na psicologia não estão situados no campo da psicologia *stricto sensu*, sendo oriundos, majoritariamente, de autores da psicanálise e da sociologia, no período de 1975 a 2014. Apenas após 2015, quando da explicitação do seu apagamento por Gomes (2013), psicólogos/as começam a requisitá-la de maneira mais recorrente.

A confusão inicial relatada serviu para nos perguntarmos sobre a maneira como o circuito acadêmico reproduz barreiras históricas, mesmo quando tentamos inscrever a intelectualidade negra no currículo do ensino superior, por meio de movimentos de recuperação. Estas barreiras servem-se

do fato de que, nesses casos, a autoria é obliterada pela biografia das/os autoras/es. Entendemos que isso produz e dá continuidade ao epistemicídio. Já estávamos advertidas do apagamento como uma prática de opressão interseccional institucionalizada (GOMES, 2013), mas, além do que estava dado, a existência sistêmica do apagamento, percebemos, nas atividades nosso grupo de pesquisa, o quanto se tornava difícil implementar a legitimação do conhecimento de autoras e autores não hegemônicos nos currículos brasileiros. Isso porque, na medida em que estas/es autoras/es retornam ao circuito acadêmico, eles se tornam, uma narrativa sobre a violência.

Existe um interesse prevalente na persona de Bicudo: mulher negra, que ascende socialmente, alcança os píncaros de uma profissão, e desaparece. Permanece o índice de indeterminação da autora: pouco se sabe sobre o que ela escreveu, como escreveu, e com quais autores e autoras dialogava teoricamente. Se uma autoria não se sustenta no campo teórico apenas com menções ao seu nome, é por meio da lacuna cada vez maior entre o interesse na persona e da obra desta que se dá a atualização do epistemicídio, o ofuscamento.

Entendemos a partir daí, que o ofuscamento é um objeto racializado e envolto em dinâmicas de gênero, simultaneamente, constituindo uma matriz interseccional para a análise. Segundo Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), as lentes interseccionais nos ajudam a ligar teoria e prática, porque parte de campos nos quais estas lentes já são vistas como interconectadas, dos movimentos sociais.

Para compreender este fenômeno, foi preciso considerar como se constrói/interdita a recuperação epistêmica de Virgínia Bicudo na psicologia. Mecanismos e interesses que denotam processos de seleção e classificação social aparecem nos modos de inscrição dessa autoria, sobretudo neste momento, em que coletivos e movimentos epistêmicos emergentes na universidade pleiteiam a decolonização do conhecimento. Enquanto apontam para a recuperação epistêmica, da mesma forma e na mesma velocidade, o epistemicídio se atualiza, por meio do ofuscamento.

Mas, se com tantos pioneirismos, ela Bicudo aparece muito menos como intelectual, que como alguém que, acidentalmente, estava no campo, afinal, o que é uma autora⁸? Certamente, é alguém que aparece nessa posição, que é convidada a participar de uma discussão. A institucionalização de uma autoria em um determinado campo exige, além do trabalho intelectual de escrita, alguma recepção dos

⁸ Optamos por usar o gênero feminino para quaisquer termos que se refiram a Virgínia Bicudo, ainda que estes termos estejam no gênero masculino nas referências consultadas. Por exemplo: a utilização da palavra *autora* ao invés do termo autor, ou subalterna, ao invés de subalterno.

conhecimentos produzidos, pois, nos termos de Berger e Luckmann (2014), o diálogo precede a institucionalização⁹. Acompanhando essa compreensão, a recepção crítica de uma obra está no meio do caminho, da consolidação da autoria ou de tornar-se símbolo¹⁰. Por sua vez, o campo epistêmico, como pudemos ver, coloca não apenas a biografia, mas a obra das autoras negras em contato com o racismo, o sexismo e outras barreiras interseccionais, que ofuscam seu trabalho intelectual, como foi possível observar na maneira como as contribuições de Bicudo têm sido recuperadas na Psicologia.

A escolha da via biográfica se torna ofuscante porque encena que se volta para as autoras e acolhe estas histórias e referências de pessoas pretas, mas, na verdade, se curva sobre o gozo do próprio campo. A epistemologia se debruça sobre si mesma afirmando sua suposta humanização através do reconhecimento da “potência da linguagem” dos negros (FANON, 1952/2008). Sobre isso, Fanon (1952/2008) ressalta o efeito do indefectível francês de Aimé Césaire, grande poeta martinicano e um dos fundadores do movimento negritude, a causar transes e desmaios em auditórios¹¹, enquanto ele se tornava, apenas, “[...] um negro que maneja a língua francesa como nenhum branco a maneja nos dias de hoje.” (CESAIRE, 1939, p.14 *apud* FANON, 1952/2008, p.51).

Em Psicologia, especialmente para aqueles e aquelas que estudam a decolonização do conhecimento e das práticas, é importante trabalhar sobre questões estratégicas do campo, para desenvolver teorias sociais críticas sobre racismo, sexismo e as diferentes formas de desigualdade. Ao examinar os modos pelos quais Virgínia Bicudo é mencionada, interagimos com práticas de produção do conhecimento que revelam tanto seu apagamento quanto sua recuperação/reconhecimento, modos de apropriação e de produção de conhecimento na Psicologia. Existe uma proposição metodológica aqui que é a autora negra como índice crítico do apagamento de autoria na historiografia da Psicologia.

Existe uma camuflagem de aparente abertura da Psicologia contemporânea às contribuições de autoras e autores negros. No entanto, esta abertura se dá apenas como um verniz muito precário de uma disciplina que “negocia” a entrada destes apenas num lugar mítico. Há, em alguma medida, a

⁹ Os autores compreendem institucionalização numa perspectiva mais ampla, onde a formação de diálogos entre duas pessoas já é um passo para o início dos processos de institucionalização (BERGER; LUCKMANN, 2014).

¹⁰ Referência ao processo de simbolização descrito por Berger e Luckmann (2014), no qual simbolizar é tornar um objeto significativo – tipificar, categorizar, entre outras atividades cognitivo-sociais.

¹¹ “[...] em 1945, na época das campanhas eleitorais, o poeta Aimé Césaire, candidato a deputado, falava para rapazes de Fort-de-France diante de um auditório numeroso. No meio da conferência uma mulher desmaiou. No dia seguinte, um amigo comentou da seguinte maneira: [...] O francês (a elegância da forma) era tão quente que a mulher entrou em transe.” (FANON, 1952/2008, p.50).

recuperação do nome de Virgínia Bicudo e sua genialidade individual, e o número de menções a seu nome demonstra a vitalidade acadêmica que existe em torno da autora. Entretanto, essa vitalidade não implica reconhecimento, pois não é garantia autoevidente de uma recepção dos escritos da autora no campo.

Advertidas por Gonzáles (1984) de que a memória claudica perante as rejeições e exclusões do filtro do saber, compreendemos que temos como expressão da dialética entre saber e não saber, um campo epistêmico que é constituído como uma ficção, mas que tem efeitos de verdade. Dessa maneira, a escrita acadêmica é realizada como uma interação social e denota a presença de ações que produzem desigualdade e segregação específica¹². Pode-se até permitir a presença da mulher negra no campo epistêmico, mas uma presença accidental, dentro da biografia de algum outro grande nome, geralmente masculino. Não à toa, Sandra Harding (1986) dedica um de seus livros ao Colégio Invisível de autoras, ou seja, quem participa do trabalho e não aparece. E na Psicologia, quem não aparece são, historicamente, mulheres, principalmente, mulheres negras.

Essa leitura a posteriori, considerando o corpus que concerne a Virgínia Bicudo, demonstra que não podemos creditar apenas ao racismo estrutural a manutenção do *ethos* da branquitude na Psicologia. Por isso, não atribuímos, neste texto, ao racismo estrutural o modo como Virgínia Bicudo é mencionada. Compreendemos que nós, autoras e autores, movimentamos o campo, e assim, produzimos institucionalidade, ao longo do tempo. Assim, para que a obra da autora seja ofuscada é necessário um equívoco aqui, outro ali, e assim por diante, pois não podemos dizer que o racismo caminha sozinho, ele precisa de pernas que o levem.

Conforme esse enquadramento interseccional, observamos que, a obra de Virgínia Bicudo é destituída de sua complexidade para integrar um corpo de conhecimento biográfico, e por esse mesmo enfraquecimento epistemológico, é enclausurada nele¹³. Isso tanto fixa a recepção da autora no tema

¹² Compreendemos que mulheres pretas e pardas lidam com desafios específicos na sociedade que não são vividos por homens negros ou mesmo por mulheres brancas, devido à interseção entre gênero e raça (HADDAD; PERO, 2022).

¹³ Beatriz Nascimento apresenta uma análise sobre a fixidez estética na produção de imagens sobre o negro na mídia em Nascimento (1979/2022).

das relações raciais, como se autores e autoras negros/as que discutem raça em algum momento, só pudessem falar a partir daí¹⁴, quanto a estigmatiza¹⁵.

Entendemos que existe um apelo por mencionar Virgínia Bicudo, entretanto, que algumas pessoas atrizes/atores dos campos do conhecimento que requisitam a presença de Bicudo, muitas vezes o fazem para não abrir mão de organizar o campo epistêmico. Isso fica explícito na maneira como este nome é tratado, no campo do conhecimento. Entendemos, a partir daí, que, embora integrantes do campo hegemônico não almejem, necessariamente, trazer estas obras apagadas para o centro, com o aumento do interesse pelas autoras negras, muitas/os destas/es não abrem mão do “direito adquirido” da branquitude de fazer a gestão da produção do conhecimento.

As discussões trazidas sobre Lélia González (1984) sobre racismo e sexismo na cultura brasileira, bem como algumas intervenções realizadas em cursos de Psicologia, mostram a interação entre esses dois fatores, para definir quem pode falar, e quem pode aparecer. Assim, pudemos entender que, se o ensino é considerado como a principal área de interesse da história da Psicologia, é lá, e, na profissão, que o silenciamento da contribuição negra tece seus efeitos. As/os autoras/es que surgem como referência no campo são, em sua grande maioria, homens brancos e europeus – os Grandes Homens da Psicologia, conforme afirmamos, em outro estudo (SANTOS; *et al.*). Autoras e autores negros, em sua maioria, de fora do Brasil e muitas vezes de fora do campo da psicologia, foram acionados quando perguntamos sobre referências em relações raciais (*ibid.*). Houve também, algumas citações esparsas das professoras do curso, principalmente brancas (SANTOS; *et al.*).

Para a avaliação da Psicologia como projeto de conhecimento, propomos que as posicionalidades da mulher negra sejam tomadas como índice crítico para a análise interseccional entre racismo e do sexismo na Psicologia. As barreiras identificadas no apagamento de Bicudo apontam que a forma de contar a História da Psicologia como disciplina, é gendrada, tomando os nomes masculinos como teóricos importantes e o das mulheres, de cuidadoras, assistentes, parte de um Colégio Invisível da Psicologia. A presença de Bicudo como autora e como profissional importante à sua época marca a incidência do racismo. A historiografia da Psicologia brasileira, mesmo com renovadas iniciativas críticas tem sido mais eficiente em contar a história dos Grandes Homens como epistemologia, e, no

¹⁴ “Lugar de negro?” Não deixa de ser uma forma de alienação.

¹⁵ No sentido da posição de *infans*, aquela que não pode falar e é falada por um outro: “[...] é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos” (GONZÁLEZ, 1984, p.224).

campo da práxis ou prática profissional, tem sido mais eficiente em contar a história das psicólogas brancas.

Considerações finais

Dos 543 textos analisados, apenas 165 citam trabalhos de Virgínia Bicudo nas referências. Ao analisarmos os 378 textos que a mencionam, mas não citam suas obras nas referências, observamos que o nome da autora aparece em agradecimentos, notas de rodapé, anedotas sobre convivência pessoal e profissional, pseudônimos de sujeitas de pesquisa e, até mesmo como sinônimo de epistemicídio. O corpus aqui analisado nos parece relevante para investigar os modos de recuperação desta e de outras autoras negras no campo científico. Os resultados obtidos ensejam as posicionalidades da mulher negra no campo epistêmico como um enquadre interseccional para observar a produção da História e da crítica historiográfica da Psicologia.

Este artigo foi construído sobre a constatação de que as contribuições de Virgínia Bicudo não têm sido reconhecidas, de fato, como integrantes do corpo de conhecimentos da psicologia brasileira. E, ainda que agentes do campo venham realizando uma revisão crítica do seu apagamento para criticar o racismo nesta área, observamos, ainda, um acolhimento tímido de sua obra, o que cristaliza o reconhecimento da autoria de Bicudo, por via do ofuscamento, no processo de recuperação epistêmica.

Identificamos que a proliferação das abordagens de experiências como as de Virgínia Bicudo tem instado docentes e discentes de graduação e pós-graduação e profissionais da Psicologia a lidar de maneira mais direta com a crítica ao racismo e demais opressões presentes no campo. Entretanto, embora tenha aumentado exponencialmente o número de menções ao nome da autora, muitas destas menções, dos últimos 15 anos, refletem práticas institucionais que se repetem a cada vez que um nome de autora negra surge na Psicologia: a persona e sua biografia de sucesso são sobrerepresentadas, ao passo que a obra segue negligenciada.

O corpus aqui analisado, textos que citam Virgínia Bicudo, sua fortuna crítica, aumentou em proporção geométrica desde o aparecimento do primeiro texto que compreende seu apagamento como epistemicídio (Gomes, 2013). Observamos em 2023 centenas de estudos, sobretudo na chamada literatura cinzenta. Muitos destes, acessados na primeira busca desta investigação, no momento das análises não estavam mais disponíveis nos links iniciais, nem mesmo em formato de artigos. Isso

denota a fragilidade da literatura não indexada: é muito fácil perder dados e informações, pois lidamos com a instabilidade dos repositórios institucionais de universidades e com a disponibilidade de livros, para ter acesso às produções. Se as autoras não disponibilizam suas produções por conta própria, em plataformas de conteúdo acadêmico e blogs, produzimos novos “segredos” – parafraseando Janaína Damaceno Gomes (2013) – no âmbito da pesquisa.

O que observamos em Bicudo, e descrevemos como ofuscamento de sua produção, parece repetir-se em relação a outras autoras negras, que têm suas obras relativamente desconhecidas pela Psicologia brasileira. Na medida em que acessamos o nome de Virgínia Bicudo neste estudo, encontramos outros nomes de autoras negras e negros que, muitas vezes localizados próximos ao de Virgínia Bicudo, aparecem como sinônimo de epistemicídio e de intelectualidade fulgurante negra, tais como Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, e o nome que mais aparece juntamente com o de Bicudo: Neusa Santos Souza. Compreendemos que estudos sobre recuperação de outros/as intelectuais na Psicologia devem ser realizados, para responder estas perguntas, seja na dimensão micro, da produção individual, seja na dimensão macro, ao debruçarmo-nos sobre políticas educacionais.

Referências bibliográficas

ABRÃO, Jorge Luís Abrão. **Virgínia Bicudo**: a trajetória de uma psicanalista brasileira. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. [Http://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/353/1/305%20pdf%20-%20ocr%20-%20red.pdf acesso em: 16 jun. 2024].

BECKER, Howard. Conferência: a Escola de Chicago, **MANA**, v. 2, n.2, p.177-188, 1996.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BICUDO, Virgínia Leone. A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança. **Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo**, v. 7, n. 6, São Paulo, 1941, p. 61-66.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação à cor dos seus colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e brancos em São Paulo em São Paulo**: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo / Organização de Roger Bastide e Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955, p. 227-310.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010 (1945).

BICUDO, Virgínia Leone. Já fui chamada de charlatã (Entrevista com Cláudio João Tognolli). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 jun. 1994. [<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/05/mais/12.htm> - acesso em: 17 jul. 2024].

BIREME - CENTRO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. **Descritores em Ciências da Saúde**: DeCS [Internet]. ed. 2023. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2023. Disponível em: [<http://decs.bvsalud.org> - acesso em: 8 abr. 2024].

BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional**, v. 1, n. 2, Londrina, 1999, p.1-6.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Resolução n.º 9, de 28 de maio de 2022**. Institui o Prêmio Profissional "Virgínia Bicudo: Práticas para uma Psicologia Antirracista". [<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-9-2022-institui-o-premio-profissional-virginia-bicudo-praticas> - acesso em: 20 jul. 2024].

CASTRO, Alexandre de Carvalho; LIMA, Ula Cristina de. Bicudo, Virgínia Leone. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; KLAPPENBACH, Hugo; ARDILA, Rubén (Ed.). **The Palgrave Biographical Encyclopedia of Psychology in Latin America**. Cham: Palgrave Macmillan, 2023, p. 53-55.

COIMBRA, Cecília. **Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “milagre”**. Rio de Janeiro: Oficina do autor.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade** / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; Rane Souza (Trad.). São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica / Bruna Barros, Jess Oliveira (Trad.). São Paulo: Boitempo, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. Sobre o trabalho teórico. **Trans/Form/Ação**, (2), Marília, p. 5–86, 1975.

FORJAZ, Maria Luiza Ferreira; RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Cuidando do cuidador: poder e sofrimento psíquico na residência médica. **Boletim Formação em Psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae**, São Paulo, (15), jan./dez. 2007. Disponível em:

http://www.sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/site/wpcontent/uploads/2014/08/Boletim-2007-MIOLO.pdf#page=39. Acesso em: 10 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber** / Michel Foucault; Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GINSBERG, Anieli Meyer. Pesquisas sobre as Atitudes de um Grupo de Escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e brancos em São Paulo em São Paulo**: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo / Organização de Roger Bastide e Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955, p.311-361.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os segredos de Virgínia**: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, p. 223-244, 1984. Disponível em: Microsoft Word - RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. Acesso em: 10 jun. 2024.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n.1 jan.-abr 2016.

HADDAD, Yasmin; PERO, Valéria. Mulheres no comando? Segregação hierárquica e disparidades de gênero no mercado de trabalho brasileiro. In: 50 Encontro Nacional de Economia (ANPEC), 2022, Fortaleza, **Anais...** Fortaleza, 2022. Disponível em: https://www.anpec.org.br/encontro/2022/submissao/files_I/i13c0f2fe50086905491767580d2ec0d8a9.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

HARDING, Sandra. **The science in question in feminism**. Ítaca e Londres: Cornell University Press, 1986.

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Virgínia Leone Bicudo: a última entrevista. **ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 36, n. 1/2, p. 227-241, 2019/2020.

MENDONÇA, Nadir Domingues. **O uso dos conceitos**: uma tentativa de interdisciplinaridade. Bagé: FAT/FUnBa, 1983.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O racismo na mídia. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo** / Alex Ratts (Org.); posfácio de Muniz Sodré; texto de Bethania Nascimento Freitas Gomes. São Paulo: Ubu Editora, p. 41-46, 2022 (1979).

NOGUEIRA, Oracy. Relações Raciais no Município de Itapetininga. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e brancos em São Paulo em São Paulo**: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo / Organização de Roger Bastide e Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955, p. 362-553.

NOSEK, Leopold. **Álbum de família**: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; NASCIMENTO, Maria da Conceição. Racismo, saúde mental e território: desafios políticos e epistemológicos na clínica ampliada. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], 10(24), p. 3–15, 2018.

RIBEIRO, Igo Gabriel dos Santos. **Da política socioeducativa à (des) regulação da vida de jovens negros brasileiros**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2017.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Wörterbuch der Psychoanalyse**: Namen, Länder, Werke, Begriffe. Edition, illustrated. Vienna: Springer, 2004.

SANTOS, Vitailma Conceição. **Virgínia Bicudo e o curso de Psicologia da UFBA**: significações de uma intelectual negra em uma formação “sem cor”. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SANTOS, Vitailma Conceição; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Uma “mulher do fim do mundo” na academia: aprendendo com a trajetória outsider within de Virgínia Bicudo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. 1-23, 2022.

SANTOS, Vitailma Conceição; BERENGUER, Aniele; CHAGAS, Fábio Souza; MUTHE, Illa Santos; JESUS, Mônica Lima; ABREU, Márcio; VIDAL, Jardel. Ciranda Antirracista: uma intervenção psicossocial sobre racismo em um curso de Psicologia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 23, p. 1-18, 2023.

SCHÜTZ, Alfred. **Collected papers I**: the problem of social reality. The Hague: Martinus Nijhoff, 1962.

TAVISTOCK; PORTMAN. **Our history**. Londres: Tavistock and Portman NHS Foundation Trust, 2024. Disponível em: <https://tavistockandportman.nhs.uk/about-us/our-history/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

TIEDEMANN, Rolf. Prefácio. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 13-38.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Publish or Perish (Verbete)**. Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.abcd.usp.br/apoio-pesquisador/indicadores-pesquisa/publish-or-perish/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, Sérgio Ricardo Rodrigues; LIMA, Antonio Carlos de Souza; TEIXEIRA, Carla Costa. **Antropologia das práticas de poder**: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 43-70, 2014.

WERTHEIMER, Max. **Pequena história da psicologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.